MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar

2003 **Nº 236**

FAZENDA DA CONCEIÇÃO

A fazenda de café foi símbolo de grandeza, riqueza e decadência na economia rural brasileira. Ela expressou, guardadas as devidas proporções, o sentido social, econômico e político do período áureo do café na região do Vale do Paraíba.

Em Guaratinguetá, onde o café teve uma expressão muito forte, embora não tendo sido a principal produtora, diversas fazendas surgiram a partir da segunda metade do século XIX, principalmente no bairro dos Motas, onde a invasão do produto foi mais intensa, segundo Lucilla Hermann. Neste formaram-se diversos núcleos de plantio da rubiácea, distribuídos em pequenos e médios sítios e, também, em fazendas de pequeno e médio porte, originados principalmente dos inúmeros desdobramentos das sesmarias concedidas no século XVIII e das várias aquisições e anexações realizadas por herdeiros ou compradores de outras áreas do município.

A fazenda denominada Conceição foi uma dessas unidades produtoras formada dessa maneira e está localizada nas encostas da Serra do Quebra Cangalha, no lugar denominado Bonfim, hoje município de Aparecida e pertencente a Guaratinguetá até 1928.

A sua origem, no que se refere à posse e utilização para fins de exploração agrícola comercial, remonta ao século XVIII, segundo a documentação encontrada[1]. Foi ela parte integrante de uma sesmaria concedida em 1765 ao Sargento-Mor Luiz Dias de Almeida, que a solicitou por requerimento, justificando ser necessário estabelecer com sua família,



Fazenda Conceição - Bairro do Bonfim - Aparecida

escravos e animais nas terras por ele adquirida *no districto da Villa de Guaratinguetá, na parte superior do ribeirão, acima da ponte da Villa em a paragem chamada cachoeira do Matto Dentro, compradas a Miguel de Góes, João Siqueira, Salvador Duarte, Rita Paes e Manuel Rodrigues da Fonseca, confrontando para a parte do norte com terras de Thomaz Pereira e para a do sul constesta na serra chamada o Quebra Cangalhas, para o poente com terras de Mathias Pires e para o Nascente com terras de Miguel de Góes"*. Ficou conhecida como "Sesmaria do Patrimônio", com légua e meia de terras de testada e o sertão que lhe pertencesse[2].

O Sargento-mor Luiz Dias de Almeida, seguindo as normas de concessão de sesmarias[3], efetuou a demarcação de suas terras em 1767 e ali estabeleceu um sítio em que cultivava arroz, milho e feijão (subsistência) e também cana de açúcar. Era ele natural de São João Del Rey, filho do Sargento-mor Pedro de Almeida de Oliveira e de Maria da Conceição e casado com Luzia da Palma de Jesus, filha do Capitão Pedro Rebouças da Palma e de sua mulher Maria do Rêgo Barbosa. Em 1793, com sua morte, a sesmaria sofreu a primeira fragmentação, ao ser partilhada entre a viúva e os filhos e daí por diante, outras partes foram vendidas.

Na primeira metade do século XIX, definitivamente a sesmaria se transformou em pequenas e médias propriedades agrícolas[4] e, em 1856[5], a Fazenda da Conceição era parte integrante das antigas Fazendas Santa Cecília e Sertão, de propriedade de José Simões da Cunha e de sua mulher, Dona Lúcia Francisca de Assis; casados em 1830 em Guaratinguetá. Ele, natural de Paraty, filho de pai homônimo e de Maria Tereza do Nascimento; ela, natural de Mariana - MG, filha de Lúcio José Monteiro de Noronha (membro da Guarda de Honra do Príncipe Dom Pedro) e de Ana Felícia dos Prazeres, mineiros migrados para a região no começo do século, oriundos de Itajubá[6]. Na propriedade o café era largamente produzido e por esta época o bairro dos Motas tornou-se a principal localidade da Vila de Guaratinguetá em termos de produção agrícola e em transações imobiliárias[7], chegando mesmo a formar um pequeno núcleo de vida social instalado no local hoje denominado Bonfim, com igreja e pequeno comércio ao seu redor.

Em 07.05.1877, por escritura pública de partilha, José Simões da Cunha fez divisão amigável das terras e da fazenda (casas de vivenda, senzala, paióis para estocagem do café e terreiros de secagem) com seus filhos (1º Cartório de Notas de Guaratinguetá - Livro de Notas, nº 28, Fls. 129): Capitão Joaquim Simões da Cunha, c.c. Gabriela Diniz Junqueira Simões (moradores na Vila de Areias); Maria Madalena Simões Bitencourt, c.c. José Severino de França Bitencourt; Antônio José Simões da Cunha e Benjamim José Simões da Cunha, c.c. Cecília de Andrade Junqueira Simões[8]. A cada um coube uma parte das terras: a Joaquim Simões, no valor de 17:000$000; a Antônio Simões, no valor de 18:000$000; a José Severino de França Bitencourt, no valor de 11:900$000; a Benjamin José Simões da Cunha, no valor de 33:100$000; totalizando o preço de 80:000$000 (oitenta contos de réis).

Em seguida, estes sucessores venderem suas respectivas partes ao herdeiro Benjamin José Simões da Cunha de (46:900$000), negociante com loja de fazendas (artigos de panos e outros) na vila de Guaratinguetá e comerciante matriculado no Tribunal do Comércio do Rio de Janeiro; mantendo, também, em sociedade com o sogro, Capitão Luiz Antônio Garcia,

estabelecido na cidade do Piraí, província do Rio de Janeiro, uma Casa Comercial na cidade do Rio de Janeiro, a Rua da Prainha, nº 11[9].

Na posse de Benjamin José Simões da Cunha as terras herdadas e compradas dos irmãos transformou-se na Fazenda da Conceição. A sede com porão alto e assoalho artisticamente trabalhado, foi obra daquele proprietário (as iniciais estão no assoalho da sala - BJSC).

No inventário da esposa do proprietário, foram arrolados, entre outros bens, dois pianos, uma mobília de jacarandá, duas camas francesas, um lavatório grande de mármore, um espelho de oito palmos e dois pares de castiçais de prata. De uso domésticos aparecem também, um aparelho de jantar de porcelana, dois aparelhos para chá e café, três pares de jarras finas e dois jogos de bandejas finas[10].

Entre 1877 e 1886 a fazenda foi vendida a Thimóteo José Cesário de Campos, fazendeiro residente em Pindamonhangaba (falecido em 1895 e c.c. Ana Domingues de Castro, irmã do Barão de Paraitinga) e natural da Vila de Cunha, onde seu pai, Thomé Cesário de Campos, foi grande senhor de terras.

Neste período,a unidade agrícola foi pela primeira vez hipotecada ao Comendador Luiz José da Silva Guimarães, fazendeiro abastado residente no Rio de Janeiro e casado na família do Barão de Taubaté. Segundo informações encontradas em escritura, somente a metade da fazenda foi colocada em garantia do valor de 60:000$000 (sessenta conto de réis)[11]. Possuía a totalidade de 181 alqueires e meio de "mata de milho", com cafezais e várias outras plantações; casa de vivenda, *chalet*, outras edificações, paióis, máquinas de beneficiar café e outros aparelhos e instrumentos de lavoura.

Em 1890, nova escritura de hipoteca é realizada e não sendo quitada, passou para as mãos do Comendador Luiz José da Silva Guimarães.

No início do século XX, em poder desse proprietário, falecido em 1913, a fazenda continuou a produzir exclusivamente café. Por ocasião do seu inventário, processado na cidade de Taubaté, a unidade produtora possuía 114.760 pés de café plantados (avaliados no total em 21:886$500, juntamente com a terra onde estava), como também maquinários para beneficiar, terreiros para secagem, uma casa para negócio, casas para camaradas, tulhas etc. Além disso, uma pequena parcela da área existente eram utilizadas para a criação de animais (porcos, cavalos, capados e leitões) e uma outra parte com capoeiras destinadas ao posterior replantio de café.

Em 04.06.1918 a propriedade foi vendida para Daniel Muller, residente em Taubaté. Ele a manteve por pouco tempo e em 25 de outubro de 1921 celebrou uma escritura de compromisso de venda da propriedade, em toda a sua organização, aos imigrantes russos Júlio e Jacob Drebtchinsky pela quantia de 100:000$000 (cem contos de réis), ficando a última parcela para ser paga até dezembro de 1922, quando seria transferindo o domínio e a posse aos compradores. Nesse ínterim seriam apenas administradores e depositários dos bens.

Em 1924, a fazenda, novamente hipotecada, foi arrematada em hasta pública por Henry William Turner, vendendo-a, no mesmo ano, para o paulista Alberto Bresser Monteiro, casado Dona Elizabeth Ludovig Bresser Monteiro.

Joaquim Roberto Fagundes.

NOTAS

[1] Divisão de Arquivo do Estado *Repertório de Sesmarias*. S. Paulo, 1994 (Ed. fac-smilar), p.p. 348-349. A tradição oral dá conta que as terras localizadas entre a Serra do Quebra Cangalha e o maciço do Jaburu foram de propriedade de um antigo ramo genealógico estabelecido em Guaratinguetá no início do século XVII, a família Mota Pais, daí o nome do bairro e do afluente que deságua no Rio Paraíba. Ao citar a compra realizada, o requerente citou um dos antecessores, que segundo Silva Leme, descendia da referida família. [2] Era muito comum naquele período doação de terras que tinham os seus limites estabelecidos dessa maneira, já que muitas delas, seja pela testada ou pelo sertão, não tinham vizinhos confrontantes, portanto, 10m. até onde os olhos enxergasse.

[3] Uma das premissas para validar a posse do sesmeiro era que ele demarcasse as suas terras num prazo de dois anos a contar da data da concessão e que o Rei de Portugal a confirmasse, caso contrário perderia a titularidade, passando a outro que cumprisse as normas estabelecidas. Embora sendo regra, muitas das vezes não era demarcada nem confirmada, o que acarretava, em alguns casos, processos judiciais anos mais tarde, entre os descendentes ou sucessores.

[4] Museu Frei Galvão/Arquivo Memória de Guaratinguetá Traslado de Execução de Sentença - Juízo Municipal de Guaratinguetá - 1881 - Cap. Augusto José Vieira, sua mulher e outros - exequentes; José Manuel Bitencourt, sua mulher e outros - executados - Processos Cíveis, maço 88 - 1° Oficio.

[5] Arquivo Público do Estado de São Paulo. Registro Paroquial de Terras - 1856.

[6] MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de *Os Galvão de França no Povoamento de Santo Antônio de Guaratinguetá*. 3 ed., São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1993. p. 296 e 342.

[7] Entre os anos de 1871-1877, segundo os Livros de Distribuição de Escrituras de Guaratinguetá (Museu Frei Galvão/Arquivo Memória de Guaratinguetá), foram lavradas 88 escrituras envolvendo propriedades agrícolas no bairro dos Motas, perdendo tão somente para os negócios realizados com bens imóveis na cidade.

[8] Museu Frei Galvão/Arquivo Memória de Guaratinguetá - Inventários e Testamentos do 2° Oficio - Maço 14.

[9] Estar matriculado regularmente como Comerciante no Tribunal do Comércio do Rio de Janeiro era sinônimo de prosperidade e de posição consolidada entre os demais. Nesse período, o comércio é um forte setor da economia local e via de regra uma parte do lucro auferido, por vezes, financiava a agricultura comercial do café [10]. Museu Frei Galvão/Arquivo Memória de Guaratinguetá - Inventários e Testamentos - 2° Oficio.

[11] Tabelião do 1° Oficio de Guaratinguetá - Livro 56 - fls. 27.

Notas do Museu Frei Galvão: - A partir de 1924, a propriedade passou a ser conhecida como *"fazenda da Dona Eliza"*. Nos anos finais do século XX foi adquirida pelo advogado e empresário de São Paulo, com raízes valeparaibanas, Horácio Bernardes Neto. A casa sede, com data de 1850, o maquinário, terreiros e aqueduto foram então restaurados pelo novo proprietário. Para refazer o telhado foi usada toda a madeira do antigo Engenho Conceição (Fazendão), no bairro da Pedrinha, em Guaratinguetá, demolida pelos atuais proprietários. A inauguração desse restauro teve animada festa junina, com a presença de amigos da região e da capital paulista. Atualmente a fazenda produz o cogumelo shitake e cachaça especial para exportação.

- O desenho da Fazenda da Conceição que ilustra a monografia é de autoria de Tom Maia e data de 1973. Foi publicado no álbum de arte *"Vale do Paraíba – Velhas Fazendas"*, de Tom Maia e Sérgio Buarque de Holanda, pela Companhia Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo, em 1975, à p. 66. Foi republicado no ano 2000 no Guia Cultural *"O Vale Paulista do Rio Paraíba"*, de Thereza e Tom Maia, em inglês, espanhol, francês e português, pela Editora Santuário de Aparecida-SP, na apresentação do texto "The Paraíba Valley", à p. 21.